

Avaliação da atividade antinociceptiva e anti-inflamatória de *Erythrina mulungu* (Fabaceae)

Mariana Santos G de Oliveira¹ (PG)*, Anansa B. de Aquino³ (PG)*, Daniel L. da Silva¹ (PG), Pedro Gregório V. Aquino^{1,2} (IC), Magna Suzana Alexandre-Moreira³ (PQ), Antônio Euzébio G. Sant'Ana¹ (PQ) e João X. de Araújo Júnior^{1,2} (PQ). *mari_al2@yahoo.com.br

¹Laboratório de Pesquisa em Recursos Naturais, IQB, UFAL, Maceió-Al, Brasil; ²Escola de Enfermagem e Farmácia, UFAL, Maceió-Al, Brasil; ³Laboratório de Farmacologia e Imunidade, ICBS, UFAL, Maceió-Al, Brasil.

Palavras Chave: *Erythrina mulungu*, Inflamação, Nocicepção.

Introdução

O gênero *Erythrina* (Fabaceae) é uma rica fonte de terpenóides, alcalóides e flavonóides. Popularmente, a decocção de folhas e casca de caule de *Erythrina mulungu* é usada para o tratamento de insônia, desordens do sistema nervoso central¹ e processos inflamatórios².

Este trabalho teve como objetivo avaliar o potencial antinociceptivo e anti-inflamatório dos extratos brutos da casca da raiz (EBCR), caule (EBC) e casca do caule (EBCC), além das fases clorofórmica (FCR) e acetato de etila da raiz (FAcR).

Resultados

Foram utilizados camundongos suíços (20-35g) em modelos funcionais de nocicepção e inflamação, tais como: contorção abdominal induzido por ácido acético³, ensaio de placa quente⁴, hiperalgesia induzida por formalina⁵, peritonite induzida com Zymosan A.⁶ Os extratos e fases foram administrados por via oral (100 mg/kg). Dipirona, indometacina e morfina foram utilizados como padrões de referência.

No ensaio de contorção abdominal, com exceção do EBCC, todos os extratos e as fases inibiram significativamente a resposta do ensaio, destacando-se o EBCR e o EBC, com inibição de 61,68% e 60%, respectivamente, e a Dipirona, com 55,42% de inibição (Fig. 1).

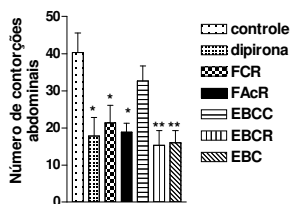


Figura 1. Efeito dos extratos obtidos de *E. mulungu* (100 mg/kg, v.o.) em ensaio de contorções abdominais induzidas por ácido acético.

Na primeira fase do ensaio de hiperalgesia induzida por formalina, nenhuma amostra apresentou resultado estatisticamente significativo, e na segunda fase do ensaio, apenas o EBCR não induziu redução do tempo de latência (Fig. 2A e 2B).

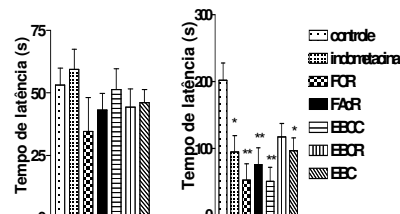


Figura 2A e 2B. Efeito dos extratos obtidos da *E. mulungu*, no ensaio de hiperalgesia induzida por formalina.

No ensaio de peritonite, com exceção da FAcR, todos os extratos e a fase reduziram significativamente o número de células no lavado peritoneal (Fig. 3).

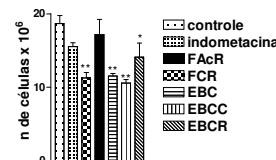


Figura 3. Efeito dos extratos obtidos da *E. mulungu*, em ensaio de peritonite induzida por Zymosan A.

No ensaio de placa quente, nenhum dos extratos e fases testados aumentaram significativamente o tempo de latência dos animais, sugerindo que *E. mulungu* não possui efeito central.

Conclusões

Os resultados mostram que os extratos e fases obtidos da *Erythrina mulungu* podem modular a resposta antinociceptiva e anti-inflamatória, como evidenciado nas respostas aos modelos de nocicepção e inflamação utilizados.

Agradecimentos

CNPq; CAPES; FAPEAL; LaFI/UFAL

1. Garcia-Mateos, R.; Soto-Hernandez, M. e Vibrans, H. *Econ. Bot.* **2001**, *55*, 391.
2. Rodrigues, V. E. e Carvalho, D. A. **2001**, *Plantas Mediciniais do Cerrado*, Universidade Federal de Lavras; Lavras.
3. Coolier, H. O. J., Dinnen, L. C. e Schneider, C. *Brit. J. Pharmacol.* **1968**, *32*, 285.
4. De Souza e Ribeiro-da-Silva, *Eur. J. Pharmacol.* **1998**, *363*, 189.
5. Hunskaar, S. e Hole, K. *Pain*, **30**: 103-114, 1987.
6. Doherty, N. X.; Poubelle, P.; Borgeat, P.; Beaver, T. H.; Westrich, G. L. e Schrader, N. L. **1985**, *Prostaglandins* **30**, 769.